

Negros são maior alvo de abordagem policial no Rio, mostra estudo

Negros são os mais parados pela polícia no Rio, diz pesquisa

Pretos e pardos são 48% da população carioca, mas são 63% das pessoas abordadas por agentes em qualquer situação

Júlia Barbon

RIO DE JANEIRO Na rua, na praia, no carro, no transporte público, na moto, no táxi, na festa. Não importa a situação, negros são o grupo mais abordado por policiais na cidade do Rio de Janeiro, e também os que mais sofrem abusos ou constrangimentos nessas ocasiões, diz uma nova pesquisa.

Pretos e pardos representam 48% da população carioca, mas são 63% das pessoas que dizem já terem sido paradas para revista, aponta o relatório "Elemento Suspeito", lançado nesta terça-feira (15) pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (Cesec) da Universidade Cândido Mendes.

Para o levantamento, o Instituto Datafolha falou com 3.500 pessoas em "pontos de fluxo" da capital nos dias 4 a 6 de maio de 2021, das quais 39% afirmaram já terem sido abordadas por agentes. Entre essas, foi escolhida uma amostra de 739 entrevistados, representativa do município.

Depois, para uma etapa qualitativa, os pesquisadores conversaram com grupos formados por jovens moradores de favelas, jovens brancos, entregadores, motoristas de aplicativos, mulheres e policiais militares. Foi a segunda vez que esse estudo foi feito; a primeira havia sido em 2003.

Procurada para comentar os resultados, a Polícia Militar do Rio, responsável pela maioria dessas ações, respondeu que "não há qualquer viés racial na sua atuação e sua missão de combater criminosos armados" e que segue protocolos rígidos de atuação.

A pesquisa afirma que, além da cor, o gênero, o local de moradia, a renda e a idade também têm grande influência nas abordagens policiais: 75% dos alvos são homens, 66% vivem em bairros periféricos ou em favelas, 60% ganham até três salários mínimos e 48% têm até 40 anos.

Mostra ainda que quase um quinto dessas pessoas (17%) já foi abordado mais de dez vezes na vida, percentual que dobrou nessas quase duas décadas. O perfil dos "superabordados", ou popularmente chamados de "freios de camburão" e "mestres do enquadro", é ainda mais acentuado.

"Quando entrevistamos jovens negros de favelas a gente percebe. É um 'carma' de uma parte da sociedade. Por outro lado, homens brancos com mais de 40 anos e ganhando mais de dez salários mínimos quase não são parados", afirma a socióloga Sílvia Ramos, coordenadora das duas

pesquisas sobre o tema.

Para exemplificar, o estudo traz algumas falas de jovens que participaram: "Dia que não sou parado, chego em casa e acho até que aconteceu algo estranho", diz um entregador. "Eles tentam imprimir que a gente é o suspeito. A gente acaba até duvidando da própria honestidade", afirma outro participante.

Os dados remetem ao caso recente do estudante Yago Corrêa, 21, preso no último dia 6 enquanto ia comprar pão de alho na favela do Jacarezinho, no Rio. Ele foi solto depois de dois dias, quando as câmeras de segurança o mostraram saindo da padaria.

Os locais apontados como mais comuns nas abordagens policiais são em carro próprio ou de outros (63% vivenciam isso) e a pé na rua ou na praia (55%). Essa última modalidade se intensificou no intervalo de 18 anos, assim como as revistas em motos, enquanto as outras diminuiriam ou ficaram estáveis.

A comparação entre os dois levantamentos mostra também que situações violentas ou constrangedoras se tornaram mais comuns nas últimas décadas. Aumentaram as porcentagens de pessoas que viram uma arma apontada para si e sofreram ameaças ou intimidações, além das que passaram por revista corporal.

Por outro lado, diminuíram os relatos de tentativa de extorsão ou agressão física. Em quase todas essas situações de abuso, os negros são os mais atingidos — 32% dos pretos e pardos abordados dizem ter tido a arma apontada em sua direção, por exemplo, contra 21% dos brancos.

"Homens e mulheres relataram que, além da revista corporal, policiais às vezes procuram drogas nos cabelos, isto é, nas tranças afro e nos dread [...] Quando contam as

múltiplas experiências vividas, vários relatam já terem sido tratados com agressões verbais ou desrespeito, e terem tido o celular invadido para verificar galerias de fotos e mensagens com algum conteúdo ligado a facções", afirma o relatório.

O estudo chama a atenção para o fato de que, nessas quase duas décadas, surgiu um elemento novo que foi a consciência e o reconhecimento do racismo por negros e brancos. Segundo os dados, 29% citaram diretamente o preconceito como motivo de ser abordado uma ou tantas vezes.

A raça se reflete também em outras experiências dessas pessoas com a polícia: metade dos negros diz já ter presenciado agentes agredindo alguém, ante 38% dos brancos, e quase um terço afirma que já teve sua casa revista, ante 12%. Aqui, quanto mais escura a cor da pele, mais alto o percentual.

O estudo ressalta os impactos dessas situações na vida e no emocional das pessoas.

"Foi possível perceber que as abordagens têm um efeito prolongado sobre a vida dos sujeitos entrevistados, provocando mudanças no comportamento, na escolha dos trajetos, nos horários de trabalho e de lazer, na forma como se vestem ou utilizam seus cabelos e acessórios", escreve o pesquisador Diego Francisco.

Há um claro descompasso entre como os policiais e os abordados veem as revistas, aponta a pesquisa. Enquanto praças negros da PM definem as abordagens com as palavras "eficiência", "trabalho", "risco" e "essencial", jovens brancos e negros falam em "medo", "corrupção", "raiva" e "ranço".

Em resposta ao estudo, a Polícia Militar fluminense afirmou que suas ações "são baseadas em protocolos rígidos de atuação e preceitos técnicos de treinamento e orientação. Um dos objetivos exponenciais da PM é a preservação de vidas, sejam elas as da população em geral ou as dos policiais envolvidos nas ações".

A corporação acrescentou ainda que a maioria de seu contingente "vem das classes de base da sociedade, incluindo as comunidades carentes, o que torna os policiais parte do contexto estrutural, histórico e social em que atuam".

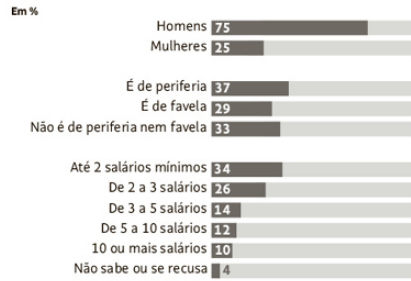
Ressalta também que foi uma das primeiras instituições públicas do país a ser comandada por um negro e que hoje mais da metade de seu efetivo de praças e oficiais é composto de afrodescendentes.

Abordagem policial no Rio de Janeiro

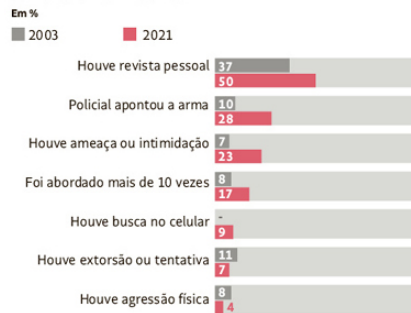
Entre 739 pessoas que dizem já ter sido paradas na cidade



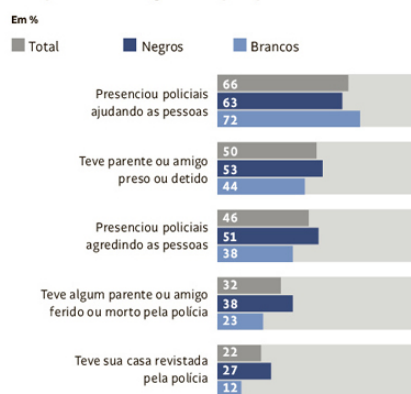
Homens pobres e de periferia também são a maioria dos abordados



Revista pessoal, uso da arma e intimidações aumentaram em 18 anos*



Quase metade já presenciou agressões e um terço teve parente ou amigo morto pela polícia



*Na última abordagem. Fonte: Pesquisa "Elemento suspeito" (Cesec e Datafolha), que entrevistou 739 pessoas acima de 16 anos em 4, 5 e 6 de maio de 2021

Quando entrevistamos jovens negros de favelas a gente percebe. É um 'carma' de uma parte da sociedade.

Sílvia Ramos socióloga

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Cotidiano **Caderno:** B **Página:** 2